

MINTA PRIMA

**Contribuição Bibliográfica para a História  
de Minas Gerais**

**Período Colonial**

**INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

**HÉLIO GRAVATÁ**  
ASSESSOR DO A.P.M.

**NOTA PRÉVIA**

Completa-se neste número a Contribuição Bibliográfica para a História de Minas Gerais (ver Revista do Arquivo Público Mineiro, ano XXVII, 1976, p. 173 e seguintes), com a publicação da Contribuição Bibliográfica sobre a Inconfidência Mineira, que relaciona livros, folhetos, artigos de periódicos, capítulos e trechos de obras, de autores nacionais e estrangeiros, que estiveram ao alcance do compilador ver e examinar. Não é seletiva. As datas extremas das publicações relacionadas vão de 1819, data da impressão do 3.º volume da *History of Brazil*, de Robert Southey, onde se encontra a primeira referência impressa sobre a Inconfidência Mineira (ver n.º 242), até as obras de Eduardo Canabrava Barreiros, *As vilas del-rei e a cidadania de Tiradentes* e José Honório Rodrigues, *História corpo do tempo*, ambas de 1976.

Não estão incluídos nesta Contribuição Bibliográfica:

1 — documentos manuscritos, mesmo posteriormente publicados em livros e periódicos, que não cabe aqui relacioná-los, exceção apenas para:

- a) Autos de Devassa da Inconfidência Mineira (ver n.º 1)
- b) Autos crimes. Juízo da Comissão contra os réus eclesiásticos (ver n.º 2)
- c) Últimos momentos dos Inconfidentes de 1789 pelo frade que os assistiu de confissão (ver n.º 3)
- d) Memória do êxito que teve a Conjuração de Minas (ver n.º 4)
- e) A coleção da Casa dos Contos. Herculano Gomes Mathias (ver n.º 5)
- f) Sermão em ação de graças pelo benefício de afastar Deus desta cidade a revolução de Minas contra o governo português, pregado em 26 de abril de 1792 (ver n.º 6)
- g) Memórias dos Padres João Soares de Araujo e Martinho de Freitas Guimarães (ver n.ºs 7 e 8)

2 — Histórias Gerais do Brasil, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, com exceção das:

- a) *History of Brazil*, de Robert Southey, 1819 (ver n.º 242)
- b) *The History of Brazil*, de John Armitage, 1836 (ver n.º 245)
- c) *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, 1854 (ver n.º 110)

por serem as primeiras publicações que fizeram referências à Inconfidência Mineira.

As publicações estão ordenadas pelas datas cronológicas de impressão.

A entrada dos nomes dos autores é pelo último sobrenome, seguido do prenome, os trabalhos anônimos, pelos títulos.

Os autores e título podem ser facilmente encontrados por meio do índice alfabético onomástico.

Esta Contribuição Bibliográfica é uma tentativa e não temos a pretensão, naturalmente, de ter realizado trabalho completo, o que não é possível em bibliografia. Relaciona 1.093 títulos.

Agradecemos a todos que contribuíram para o enriquecimento desta Contribuição Bibliográfica. Novas contribuições e correções serão muito bem recebidas pelo compilador, para um futuro suplemento.

... "Quasi nada existe de escrito sobre a Inconfidência, que seja contemporâneo ou pouco posterior ao movimento. Contribuiu eficazmente para este silêncio a falta de imprensa no Brasil. Mas, elementos colhidos em alguns poucos documentos autênticos e até oficiais, da época, demonstram, indubitavelmente, como a repercussão popular do drama foi ampla e funda e como a massa brasileira oprimida afinava os seus sentimentos pelos dos míseros condenados. Os dois documentos mais interessantes, sob esse ponto de vista, foram publicados por Joaquim Norberto, o primeiro historiador minucioso da Inconfidência, no volume 44 da Revista do Instituto Histórico. O primeiro é a "Memória do êxito que teve a conjuração de Minas", etc., manuscrito que ao Instituto foi oferecido pelo ilustre Varnhagen. O segundo é a famosa relação denominada "Últimos momentos dos Inconfidentes de 1789 pelo frade que os assistiu de confissão", de autoria do franciscano Frei Raimundo de Penaforte, então Custódio

da Mesa, que foi um dos nove religiosos da sua ordem que acompanharam o Tiradentes até o suplício, tendo feito, depois da execução, edificante fala ao povo inumerável que assistia à triste cena.

Estas duas narrativas, feitas ambas por quem ocularmente assistiu ao suplício do martir, deixam disfarçadamente entrever o estado de espírito da população da capital do vice-reinado, em relação ao julgamento".

#### PRIMEIROS DEPOIMENTOS

"Este retardatário pavor dos participantes do movimento, si, por um lado, serve para desmentir os que lhe negam importância, mostrando como foi lúgubre e profunda repercussão que despertou no tempo, por outro lado contribuiu eficazmente para o desconforto silêncio que reinou, a princípio, em torno da conjuração. Os Padres Aires do Casal e Pizarro, que são os grandes memorialistas do princípio do século XIX, não se referem a ela. Foi preciso que um estrangeiro, Southey, rompesse o mistério e reservasse algumas páginas da sua História à Inconfidência, para que os escritores nacionais com ela comesçassem a se ocupar.

O grande historiador inglês escreve a sua versão da Inconfidência, como é sabido, baseado na sentença da Alçada, e, portanto, com insuficiente documentação. Coloca o movimento sob o governo do Conde de Rezende; erra ao narrar a prisão de Tiradentes e comete várias outras inexatidões. Mas, em todo o caso, as dez ou doze páginas que dedica ao assunto são as primeiras em que ele aparece estudado mais seriamente.

Depois de Southey e antes do pronunciamento dos autores nacionais, outros estrangeiros, de vez em quando, aludem rapidamente à Inconfidência. Saint-Hilaire, na obra há pouco referida, chega a considerar a "pretendida conspiração das Minas" como uma das causas da decadência da Capitania. Mas, ao narrar os incidentes do episódio, fá-lo de maneira tão pueril que chega a tocar o ridículo. Segundo o sábio naturalista, habitualmente tão exato, o caso tinha se resumido em conversas de um indivíduo, que tinha viajado a Europa, e que voltara com certas opiniões perigosas. Num banquete a que estive presente, ele deu com a língua nos dentes mais de que de hábito, sendo seguido pelos convivas que beberam à liberdade do País. Este simples fato, levado ao conhecimento do Governador, deu causa a todo o resto. Saint-Hilaire reconhece que esta não é a versão de Southey, mas declara que o inglês estava em erro no que dizia. Apenas se esquece de informar em que fonte colheu ele a história infantil, que supunha verdadeira.

É possível que tenham chegado ao naturalista francês os ecos das narrativas e comentários, ainda correntes quando ele passou por Minas, sobre o famoso batisado havido em casa do Vigário Corrêa de Toledo, na Vila de S. José, atual Tiradentes. Os Autos da Defesa se referem, por mais de uma vez, a essa festa. Ali se encontravam Gonzaga, Alvarenga, Luiz Vaz de Toledo entre outros, além do anfitrião. Um dos comensais, então, talvez esquentado pelo álcool, rompeu em enérgicos elogios à Capitania, que poderia ser um grande Império. E a cousa se animou a ponto do padre desejar ser o seu bispo e o Alvarenga, sempre leviano, sustentar que neste caso ele seria o rei, e a sua amada D. Bárbara a rainha... Conversa fiada que foi muito discutida no inquérito e que, possivelmente, contada a Saint-Hilaire, serviu para que o honrado viajante transformasse o simples episódio em núcleo de todo o movimento.

Spix e Martius também aludem à Inconfidência, a propósito da poesia de Tomaz Antônio Gonzaga. Contam eles que no caminho para Vila Rica foram obrigados a se acolher em uma casa de agricultor pobre, evitando uma brusca tempestade. E acrescentam:

“Os filhos da casa se esforçaram por nos entreter com as canções da sua simples poesia popular, acompanhadas ao violão. O mais festejado poeta de Minas é Gonzaga, que foi ouvidor de S. João d'El-Rey (sic), mas que, por ocasião do rompimento da Revolução Francesa, tendo-se deixado arrastar num movimento revolucionário, foi exilado para Angola, onde morreu (sic). Ao lado das canções impressas e conhecidas sob o título “Marília de Dirceu”, correm, ainda, uma quantidade delas pela boca do povo, que não menos que aquelas, testemunham a doce musa do infeliz. Quando o Brasil tiver uma literatura própria, então caberá a Gonzaga a glória de ter procurado os primeiros sons anacreonticos da lira, nas margens do idílico Rio Grande ou do romântico Jequitinhonha.”

Saint-Hilaire, cuja primeira viagem a Minas é anterior à de Spix e Martius, mas que inicia a publicação das suas relações muito mais tarde (1830), aproveita esta imagem dos dois escritores de língua alemã, como, aliás, recorre, por vezes, a dados e informações de outros escritores brasileiros, tais como os de Casal, Pizarro, Silva e Souza, etc.

O velho Saint-Hilaire, depois de aludir também às “palavras anacreonticas” que algumas senhoras mineiras cantavam em arias ternas, acompanhadas ao violão, afirma páginas além, textualmente:

“Uma vítima celebre desta pretensa conspiração foi o poeta Tomaz Antônio Gonzaga da Costa (sic), ouvidor de S. João d'El Rey

(sic). Em vão os seus talentos o defendiam, ele foi exilado para a costa d'Africa, mas seus cantos tornaram-se populares e muito tempo ainda eles encantarão o viajante até sob o humilde rancho e nos logares solitarios”.

Armitage que, em 1835, escrevia a sua “Historia do Brasil” no Rio de Janeiro, publicando-a em Londres em 1836, poderia ter oferecido preciosos esclarecimentos sobre a Inconfidência pois que, então, alguns participantes ainda viviam, como vimos. O próprio escritor inglês declara que, no momento em que escrevia, Marília vivia ainda, “avançada em anos, na provincia de Minas Gerais”. De fato, a amada misteriosa do pastor Dirceu só veio a morrer muito depois, em 1853, com oitenta e cinco anos e trez mezes, informa-nos o honesto e minucioso Tomaz Brandão.

Além dela, vivia, também, e no Rio, próximo, portanto, ao historiador, o Conselheiro Rezende Costa, de quem já tanto falamos. Armitage, possivelmente, o conheceu e a maneira por que a ele se refere não exclue esta hipótese. Antes, pelo contrário, a favorece. Mas, ainda que o tivesse conhecido, não soube aproveitar os insubstituíveis dados originais que o velho oficial do Tesouro estava em condições de fornecer sobre o drama da sua mocidade. Aliás, como já sabemos, não era fácil arrancar ao tímido burocrata qualquer informação mais positiva e concreta sobre a lugubre história em que um dia se viu envolvido. Assim o autor da “História do Brasil”, por outros títulos tão boa para o período que vai da chegada da família real à abdicação de Pedro I, não nos adianta nada quando alude à Inconfidência Mineira. Baseia toda a sua referência na exposição de Southey, cujas deficiências já foram acima assinaladas.

Varnhagen, no segundo volume da sua “História Geral do Brasil”, editado em 1857, adianta mais alguma coisa, além do que já dissera Southey. O ilustre Visconde de Porto Seguro era um familiar da literatura nacional, conhecia bem a Escola Mineira, e não se baseou exclusivamente na sentença da Alçada para relatar os acontecimentos. Não confere, porém, à Inconfidência mas que doze páginas escassas. Estabelece, como de hábito, a influência das idéias de França e da revolução americana. Mas, na sua preocupação, aliás explicável, de agradar à Coroa Imperial (dever de cortesão fiel, como ele era), encara a Inconfidência sob ângulo demasiado restrito, no ponto de vista das idéias. Considera-a como um movimento de caráter republicano e local, limitado pelos seus agitadores à Capitania de Minas. No que se engana, por completo, porque a Inconfidência foi muito mais do que isto, conforme veremos.

Na edição posterior, Varnhagen retoca bastante o trabalho, mas não em pontos essenciais. Conserva pequenos enganos sem importância.

Pouco depois do aparecimento da História Geral, surgia, no Rio, o livro inacabado de Charles Ribeyrolles: "Brasil Pitoresco". O seu autor, republicano com tendências socialistas, amigo de Victor Hugo, foi dos que não se conformaram com o golpe de estado de Napoleão III, que derrubou a República esquerdista de 1848. Cubano de nascimento, Ribeyrolles deve, entretanto, como Heredia, ser considerado um escritor francês. Esteve exilado em Jersey com Victor Hugo, de onde saiu, porque, num jornal local editado pelos proscritos, escreveu um artigo considerado ofensivo à Rainha Vitória. No Brasil, para onde veio e onde morreu, conseguiu, não sem certo malabarismo, defender as suas idéias e fazer, ao mesmo tempo, a corte a Pedro II, que ele tinha como uma espécie de filósofo coroado. Ribeyrolles nos interessa particularmente por ter dado à Inconfidência uma importância não atribuída, até então, por nenhum outro escritor. Dedicamos-lhe uma das grandes seções em que se encontra dividido o seu livro. Depois de aludir à ebulição intelectual do século XVIII, observa que "as idéias de França atravessaram as grades e as sombras" da fradesca Coimbra, aonde iam estudar muitos jovens brasileiros. A tais idéias se aliou, de forma decisiva, o exemplo da revolução vitoriosa dos Estados Unidos. Chega a afirmar, não se sabe com que base, que o Tiradentes andara vários anos na Europa, entrando em contato direto com os grandes centros ideológicos do tempo. Coisa absolutamente desconhecida de todos os biógrafos do herói e martir.

Burton, no seu livro "The Highlands of Brazil", estabelece a filiação da Inconfidência às idéias da Revolução Americana e da Enciclopédia Francesa.

Restam, finalmente três trabalhos especialmente dedicados à Inconfidência, da autoria de escritores nacionais, e que devem ser considerados como os mais importantes sobre o assunto. São eles: a "História da Conjuração Mineira" de Joaquim Norberto de Souza e Silva (1873); "A Inconfidência Mineira", de Machado de Castro, (1896, publicada na Rev. Arquivo Público Mineiro, vol. 6); e a "Inconfidência Mineira" de Lucio José dos Santos (1927), que é o mais recente e completo estudo sobre o assunto.

O livro de Joaquim Norberto tem o inestimável valor de ser o primeiro exame crítico sério e minucioso do processo. Varnhagen, que também o diz ter feito, nos convence, pelos seus enganos de fato, que não percorreu tão fundamente os autos como assegura. Ressente-se o trabalho de Joaquim Norberto de uma excessiva ênfase de lin-

güagem, corrente no seu tempo, mas que torna as suas quase quinhentas páginas, em tipo miúdo, tediosas ao leitor contemporâneo. Machado de Castro teve principalmente o propósito, conforme ele próprio assegura, de rebater a injustificável prevenção de Joaquim Norberto contra o Tiradentes. O seu trabalho, escrito em Ouro Preto, apresenta algumas contribuições interessantes, principalmente depoimentos pessoais de velhos residentes da cidade, que já viviam no tempo em que a memória do drama ainda era fresca e presente. Também se excede Machado de Castro na literatura e no romanesco. Lucio José dos Santos fez, como dissemos, um trabalho mais objetivo, documentado e consciencioso. É, sem dúvida, o melhor que existe sobre o assunto e alguns pequenos enganos de fato nada alteram o valor da obra. Apenas se pode lastimar que, a exemplo dos seus predecessores, não se tenha preocupado em dar à parte das idéias o destaque que ela merece num movimento que reputa intelectual, e que tenha limitado o seu grande esforço de pesquisa somente ao exame da trama conspiratória, no que ela tem de descritivo, e à verificação minuciosa da participação que cada acusado teve no episódio."

(Afonso Arinos de Melo Franco. Terra do Brasil. S. Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1939: As idéias da Inconfidência, p. 5-6 e 13-20)